

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-02-19

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Francisco, J. P. & André, P. (2018). Arte pública na unidade de vizinhança: o caso do Bairro de Alvalade. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), *Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 68-91). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Francisco, J. P. & André, P. (2018). Arte pública na unidade de vizinhança: o caso do Bairro de Alvalade. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), *Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 68-91). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

---

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

*Arte Pública na Unidade de Vizinhança: o caso do Bairro de Alvalade.*

João Pedro Francisco  
(ISCTE-IUL)  
[joaopedrofrancisco@hotmail.com](mailto:joaopedrofrancisco@hotmail.com)

Paula André  
(DINÂMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL)  
[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**Resumo**

Em 1953, a realização do III Congresso da União Internacional dos Arquitetos destacou o debate sobre a síntese das artes, a partir do qual um conjunto de artistas e arquitetos apresentou uma petição ao Presidente da Câmara de Lisboa para que se promovesse uma colaboração entre as duas áreas. Como resultado, em março de 1954 é emitido um despacho a oficializar a inclusão de obras de arte nos projetos de promoção camarária, de que o Bairro de Alvalade, construído entre as décadas de 40 e 60, beneficiou diretamente com aproximadamente uma centena de intervenções artísticas integradas em obras arquitetónicas. Numa época em que os equipamentos escolares perdem importância enquanto elementos estruturantes da cidade e Lisboa se consolida enquanto destino turístico, assumimos o tecido urbano, a arquitetura e a arte como geradores de valor económico e social e procuramos clarificar a identidade e a imagética do Bairro de Alvalade.

**Palavras Chave:** unidade de vizinhança, bairro de alvalade, gesamtkunstwerk

**Introdução**

Em março de 1954 o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa emite um despacho a oficializar a inclusão de obras de arte nos projetos de arquitetura de promoção camarária. Esta decisão surge na sequência de uma petição assinada por um conjunto de artistas e arquitetos que, considerando a Arte “o expoente máximo da cultura de um povo”, reivindicavam “que nos projectos de arquitectura mandados executar pela Câmara (...) seja sempre incluída qualquer forma de decoração plástica”, à semelhança do que acontecia já noutros países<sup>184</sup>.

Este despacho veio possibilitar o surgimento de intervenções artísticas em novas áreas da cidade, nomeadamente zonas de habitação de promoção camarária, de que foi exemplo o *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av. Alferes Malheiro*, vulgo Bairro de Alvalade, desenhado em 1944 pelo arquiteto-urbanista João Guilherme Faria da Costa.

Composto por 8 células organizadas em redor de uma escola primária, o Bairro de Alvalade foi estruturado a partir do conceito de Unidade de Vizinhança, criado pelo sociólogo e urbanista americano Clarence Arthur Perry no início do século XX, segundo

---

<sup>184</sup> Processo nº 5446/954, Arquivo Municipal Intermédio, CML

o qual a Escola Primária deveria ser o centro das comunidades residenciais, de modo que a distância percorrida por uma criança no trajeto casa-escola não fosse superior a 500 metros<sup>185</sup>.

Numa época em que os equipamentos escolares perdem importância enquanto elementos estruturantes do território e Lisboa se consolida enquanto destino turístico, é nosso objetivo associar as premissas urbanas do Bairro de Alvalade, que favorecem os passeios a pé, e clarificar o seu património artístico, valorizando a “cidade banal” e esclarecendo a imagética e a identidade do Bairro. Para concretizar este objetivo, realizou-se uma investigação e um trabalho de campo no Bairro de Alvalade em diferentes escalas abrangendo o urbanismo, a arquitetura, as obras de arte pública integradas em edifícios e as preexistências rurais<sup>186</sup>.

### Arte Pública na Unidade de Vizinhança: o caso do Bairro de Alvalade

*A ideia de obra de arte total como qualidade deve partir da arquitetura. O conceito não se deve entender como uma mera reunião de atos artísticos (como acontece numa exposição), tampouco como um conceito próximo da decoração, que força a união das diferentes artes. Supõe antes o êxito de um efeito exteriormente perceptível que, de modo a produzir-se, requiere necessariamente uma específica relação entre as artes (Peter Behrens)*<sup>187</sup>

O conceito de obra de arte total – *Gesamtkunstwerk* – é introduzido em 1849 por Richard Wagner na sua obra “*Das Kunstwerk der Zukunft*” (A obra de arte do futuro), sendo aplicado pelo compositor alemão aos ramos da música, canto, dança, teatro e artes plásticas. Wagner via nas tragédias gregas um exemplo de união das diferentes artes, algo que se havia perdido, e que a *Gesamtkunstwerk* poderia recuperar, sendo o meio para “a salvação de uma época carente de alma”<sup>188</sup>. Em 1907 é fundada a *Deutscher Werkbund* (organização cultural com o objetivo de coligar trabalho artesanal, arte e indústria) tendo como um dos sócios fundadores Peter Behrens, para quem a *Gesamtkunstwerk* não é “um assunto da estética, mas a manifestação de uma conceção moral”<sup>189</sup>. Igualmente membro da *Werkbund*, Bruno Taut refere também que a arquitetura tem um papel na união das diferentes artes e recorre à Catedral Gótica para exemplificar o modo como a arquitetura pode ser simultaneamente o abrigo e conteúdo da obra de arte total<sup>190</sup>.

No contexto posterior à Primeira Grande Guerra assistiu-se a uma renovada vontade de participação social por parte de artistas, com o surgimento de grupos e associações como o *Novembergruppe* e a *Arbeitsrat für Kunst* (Conselho de Trabalhadores para a Arte), em que Bruno Taut era uma das figuras centrais, com o propósito de unir arquitetura e arte para dar resposta às exigências de uma nova sociedade marcada pela Guerra. O papel social da arte e do artista viria a ser trabalhado por arquitetos como Le Corbusier, que

---

<sup>185</sup> LAMAS, J. M. R. G. – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992, p. 286.

<sup>186</sup> FRANCISCO, João Pedro – **Unidade de Vizinhança e Turismo: o caso do Bairro de Alvalade**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de Mestrado.

<sup>187</sup> BRYANT, Gabriel – **Peter Behrens y el problema de la obra de arte total en los albores del siglo XX**. Cuaderno de notas, nº5, 1997, p. 57.

<sup>188</sup> BRYANT, Gabriel – **Peter Behrens y el problema de la obra de arte total en los albores del siglo XX**. Cuaderno de notas, nº5, 1997, p. 57.

<sup>189</sup> BRYANT, Gabriel – **Peter Behrens y el problema de la obra de arte total en los albores del siglo XX**. Cuaderno de notas, nº5, 1997, p. 59.

<sup>190</sup> ARNAIZ, Ana; ELORRIAGA, Jabier; LAKA, Xabier – **Síntesis de las artes: una utopía de la modernidade y el escultor Jorge Oteiza**, in, *Art & Sensorium*, vol.1, nº1, junho 2014, p.138.

entre outubro de 1920 e janeiro de 1925 edita a revista *L'Esprit Nouveau: Revue Internationale d'Esthétique*, promovendo uma aproximação do mundo das artes e das letras e o mundo das ciências e da indústria<sup>191</sup>, e apresentando a síntese de diferentes áreas como o motor de desenvolvimento da sociedade. Pertencentes ao círculo de Le Corbusier, e com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, Josep Lluís Sert e Sigfried Giedion refugiam-se em Nova Iorque, onde encontram Fernand Léger e juntos escrevem o manifesto *Nove pontos sobre a monumentalidade* (1943), focando-se na necessidade de os centros cívicos simbolizarem a ideia de comunidade com a colaboração das artes visuais, criando uma nova *Gesamtkunstwerk* à escala da cidade<sup>192</sup>.

O tema torna-se recorrente nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, retomados em 1947 após um interregno consequência da Segunda Guerra Mundial. No VIII CIAM (1951), sob o tema “O coração da cidade”<sup>193</sup>, Sert abre a sessão com um texto da sua autoria debruçando-se sobre o conceito de polis enquanto espaço que permite a reunião dos seus habitantes, cujo centro cívico (metaforicamente, “o coração da cidade”) deve funcionar “como local de espontaneidade, da diversidade e da vida social cotidiana”<sup>194</sup>. Uma nova monumentalidade em que a própria cidade, através da síntese das artes, despertava o sentimento de inclusão e pertença aos seus habitantes, e se transformava numa obra de arte total: “a cidade como obra de arte”<sup>195</sup>.

Apenas dois anos depois, em 1953, o debate sobre a síntese das artes é magnificado em Portugal com a realização do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos, em que se debateu o tema no grupo de trabalho número quatro *A Síntese das Artes Plásticas*<sup>196</sup>. Deste debate resultou um apelo por parte dos arquitetos aos pintores, escultores e outros artistas para uma discussão e trabalho conjunto que resultasse numa “integração harmoniosa das artes plásticas na arquitectura contemporânea”<sup>197</sup>, fazendo-se a ressalva de que o artista e o arquiteto devem encontrar-se num plano de igualdade para a realização da obra, não estando o artista subordinado ao arquiteto nem devendo ser a sua participação imposta ao mesmo. No mesmo ano, um grupo de artistas e arquitetos (entre os quais o arquiteto urbanista João Guilherme Faria da Costa) assinam uma petição direccionada ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa no sentido de que se promova uma “colaboração entre arquitectos e artistas próxima do ideal de síntese ou integração das artes”<sup>198</sup>. A petição foi positivamente recebida pelos serviços camarários e em março de 1954 saiu o despacho do presidente da Câmara Municipal de Lisboa a oficializar a

---

<sup>191</sup> **L'Esprit Nouveau: Revue Internationale d'Esthétique**. Paris, nº1, Oct 1920.

<sup>192</sup> COLQUHOUN, Alan – **Modern Architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 213.

<sup>193</sup> ANDRÉ, Paula; FILIPE, Fátima - **Arquitectura, Artes Integradas, Fé**, in, ACCIAIUOLI, Margarida, et al., *Arte & Fé*, Lisboa: FCSH/UNL, 2016, pp. 295-312. (ISBN 978-989-98998-3-4)

<sup>194</sup> FERNANDES, Fernanda – **Síntese das Artes e cultura urbana. Relações entre arte, arquitetura e cidade**, in: SEGRE, Roberto; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; ANDRADE, Inês El-Jaick (Org.) – **Arquitetura+arte+cidade: um debate internacional**. Rio de Janeiro: Viana&Mosley, 2010, p. 184.

<sup>195</sup> ARNAIZ, Ana; ELORRIAGA, Jabier; LAKA, Xabier – **Síntesis de las artes: una utopia de la modernidade y el escultor Jorge Oteiza**, in, *Art & Sensorium*, vol.1, nº1, junho 2014. p.136, citado por, André, Paula; Filipe, Fátima, *Arquitectura, Artes Integradas, Fé*, in, ACCIAIUOLI, Margarida, et al., *Arte & Fé*, Lisboa: FCSH/UNL, 2016, pp. 295-312. (ISBN 978-989-98998-3-4).

<sup>196</sup> **Arquitectura – Revista de Arte e Construção**. Vol.26 , nº53, Nov.-Dez. 1954, p. 11

<sup>197</sup> **Arquitectura – Revista de Arte e Construção**. Vol.26 , nº53, Nov.-Dez. 1954, p. 11

<sup>198</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 44.

inclusão, nos projetos encomendados pela Câmara, de obras de artistas plásticos<sup>199</sup>. Possibilitou-se assim o surgimento de obras de arte em novas zonas da cidade, nomeadamente em áreas de promoção camarária, como foi o caso do Bairro de Alvalade.

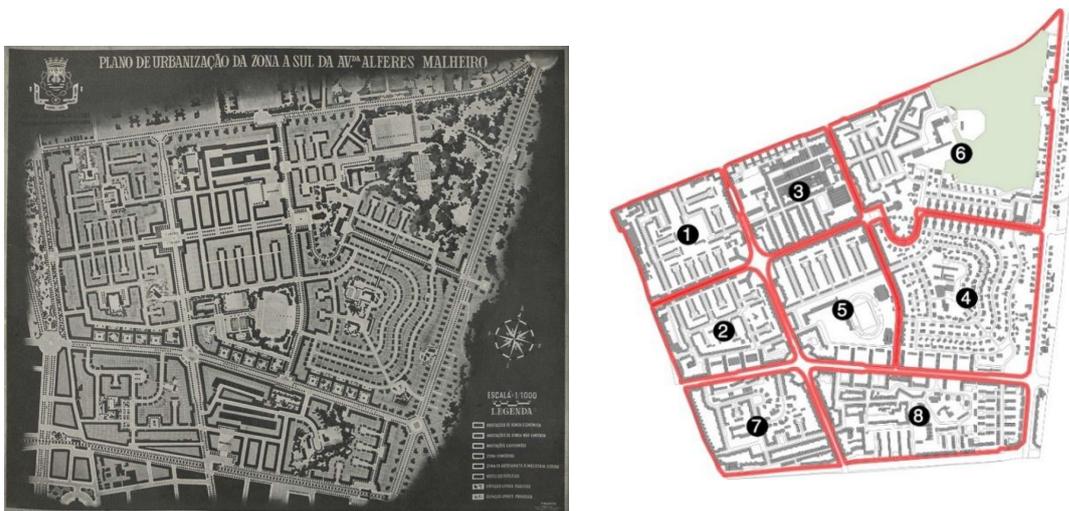


Figura 1 - Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro, in, Revista Municipal – Grandes Problemas de Lisboa. A Construção das Casas de Renda Económica. Lisboa: CML, n. °26, 3.º trimestre, (1945).p.35; As oito unidades de vizinhança do Bairro de Alvalade.

Em 1945 era publicado pela Revista Municipal o artigo Grandes Problemas de Lisboa, apontando que “quase tão grave como o problema da alimentação, surgiu o da habitação” estando a capital numa “luta com insuficiência e, sobretudo, com a carestia das rendas”<sup>200</sup>. Como resposta a este flagelo, a Câmara Municipal de Lisboa promove a construção de um novo bairro no sítio de Alvalade – “uma cidade dentro de outra”<sup>201</sup> – grande obra de urbanização destinada a 15.000 habitações dignas e de rendas acessíveis para 45.000 pessoas, algumas das quais com necessidade de alojamento por “motivos dos futuros trabalhos de urbanização da Baixa”<sup>202</sup>. O plano consiste numa área trapezoidal com cerca de duzentos e trinta hectares destinados a habitação, comércio e indústria não poluente, compartimentado através da definição de arruamentos que subdividem o plano em oito unidades de vizinhança, sendo que “as dimensões médias de cada célula foram fixadas de forma a não ser excedido um limite de distância das habitações à escola, fixado em quinhentos metros”<sup>203</sup>.



<sup>199</sup> *Diário de Lisboa*, 10 de Fevereiro, 1949

<sup>202</sup> *Diário de Lisboa*, 5 de Julho, 1945

<sup>203</sup> **A Urbanização do Sítio de Alvalade**. Lisboa: CML, 1948, p. 11.



Figura 2 - Presidente da Câmara Municipal de Lisboa mostrando aos representantes da Imprensa as plantas dos novos modelos de casas económicas, in, *Diário de Lisboa*, 5 Julho 1945. Exposição de projetos de casas económicas – plano de urbanização da zona sul da avenida Alferes Malheiro, [1945], in, AML/Fotográfico, POZAL, Fernando Martinez. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/POZ/000010

As preocupações relativas à contenção financeira marcaram todo o processo. As casas de renda económica, da autoria do arquiteto Miguel Jacobetty, foram desenhadas com base numa análise profunda do fogo, discriminando o número médio de passos em determinados percursos na casa. Procurou-se desenhar a planta ideal para os fogos, para os quais se desejava máxima racionalização de espaço<sup>204</sup>, sendo portanto necessário “algumas vezes, romper com a tradição inimiga sob certos aspectos da vida moderna”<sup>205</sup>.

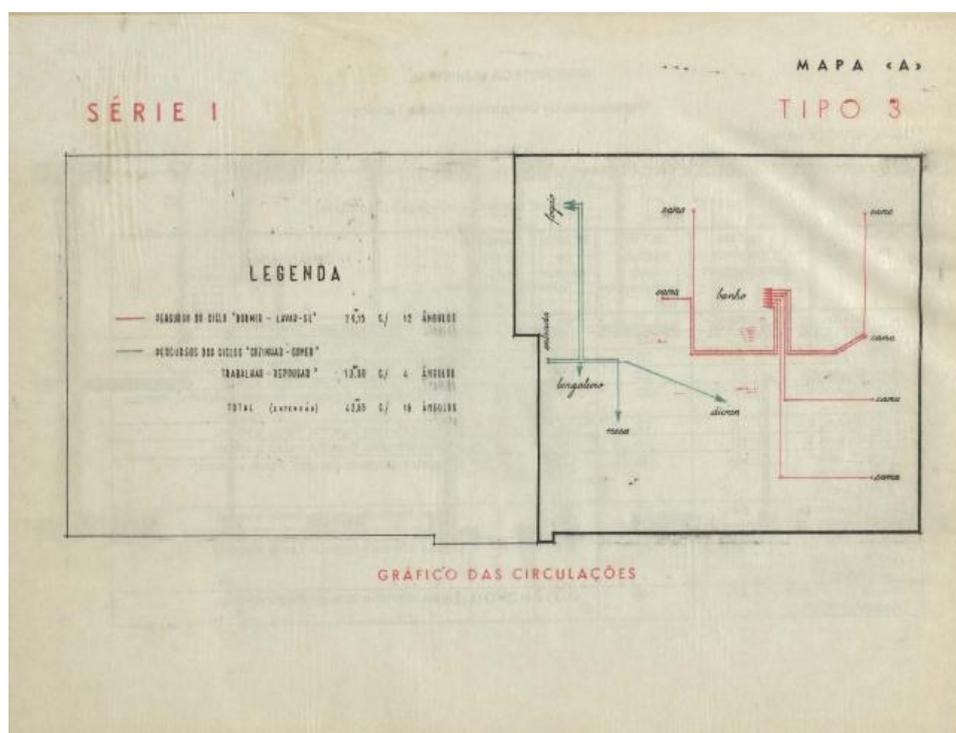


Figura 3 – Gráficos das Circulações, in, *Revista Municipal – Grandes Problemas de Lisboa. A Construção das Casas de Renda Económica*. Lisboa: CML, n. °26, 3.º trimestre, (1945)

De modo a libertar a “concepção arquitectónica de preconceitos e sujeições a fórmulas por vezes impostas por tradições seculares”<sup>206</sup> foi também necessário adequar os métodos construtivos “adoptando novos métodos de produção pré-fabricados”<sup>207</sup>, tendo para o efeito a Câmara Municipal de Lisboa incumbido o arquiteto Miguel Jacobetty e o Chefe de Repartição de Obras Municipais, Eduardo Arantes de Oliveira, de fazerem uma viagem

<sup>204</sup>Grandes problemas de Lisboa. A construção de casas de renda económica. **Revista Municipal**. Lisboa: CML, n°26, 3º trimestre, 1945, p.34.

<sup>205</sup> *Diário de Lisboa*, 8 Fevereiro 1947

<sup>206</sup>Grandes problemas de Lisboa. A construção de casas de renda económica. **Revista Municipal**. Lisboa: CML, n°26, 3º trimestre, 1945, p.34.

<sup>207</sup> **Anais do Município de Lisboa** de 1945. Lisboa: Câmara Municipal, 1946, p. 114, citado por, ANDRÉ, Paula - Viagens e Construções Experimentais: Investigação e Inovação na Cidade. Jornadas LNEC – cidades e desenvolvimento, 2012.

de estudo a Inglaterra. Com esta viagem comprovou-se não só a viabilidade construtiva dos novos métodos como também “se verificou a existência e a viabilidade de compra de equipamentos e mais material necessário para a produção em série de elementos pré-fabricados”<sup>208</sup>, tendo a Câmara Municipal de Lisboa adquirido “equipamentos industriais para a produção de britas e para o fabrico de blocos de betão”<sup>209</sup>.

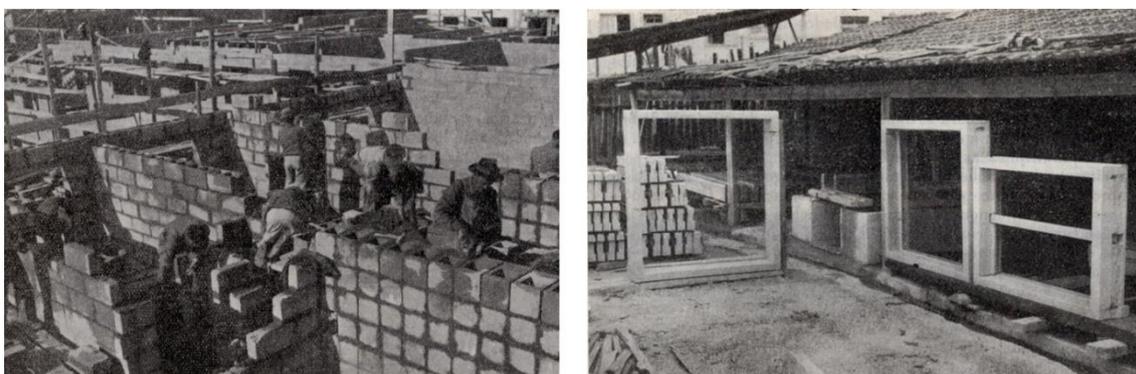


Figura 4 - Construção das casas de renda económica: execução de alvenarias de blocos de betão e guarnecimentos de vãos de janelas pré-fabricados, in LOBATO, Luís Guimarães – A Experiência de Alvalade. Técnica. Lisboa: IST, nº209-210, (fevereiro-março, 1951), pp. 334, 336.

A participação do município no processo de edificação de Alvalade não se ficou pela execução das obras e aquisição de equipamentos: para confirmar todos os estudos feitos, construíram-se a título experimental três prédios que mostravam como viriam a ser “belas e higiénicas”<sup>210</sup> as futuras habitações e que permitiram a recolha de informações e ensinamentos úteis para o restante processo construtivo. Também a nível decorativo dos espaços interiores a Câmara interveio, mobilando três tipos de habitação para exposição, com móveis de estilo rústico, o que atraiu “uma verdadeira romaria para o sítio de Alvalade, com visitas de 300 a 400 pessoas por dia”<sup>211</sup>.

A inauguração do Bairro de Alvalade deu-se dia 23 de setembro de 1948, pelas 17 horas, num evento amplamente anunciado pela imprensa.

---

<sup>208</sup> **Anais do Município de Lisboa** de 1945. Lisboa: Câmara Municipal, 1946, p. 115.

<sup>209</sup> **A Urbanização do Sítio de Alvalade**. Lisboa: CML, 1948, p. 18, citado por, ANDRÉ, Paula -Viagens e Construções Experimentais: Investigação e Inovação na Cidade. Jornadas LNEC – cidades e desenvolvimento, 2012.

<sup>210</sup> *Diário de Lisboa*, 8 de Fevereiro, 1947.

<sup>211</sup> *Diário de Lisboa*, 22 de Setembro, 1948.

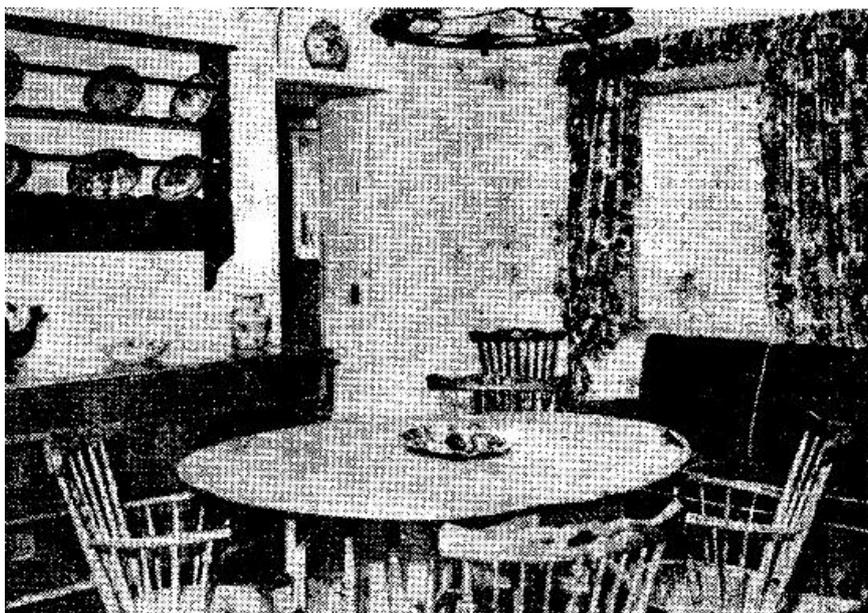


Figura 5 – “Um interior das residências que vão ser amanhã inauguradas”, in, Diário de Lisboa, 22 de Setembro de 1948.

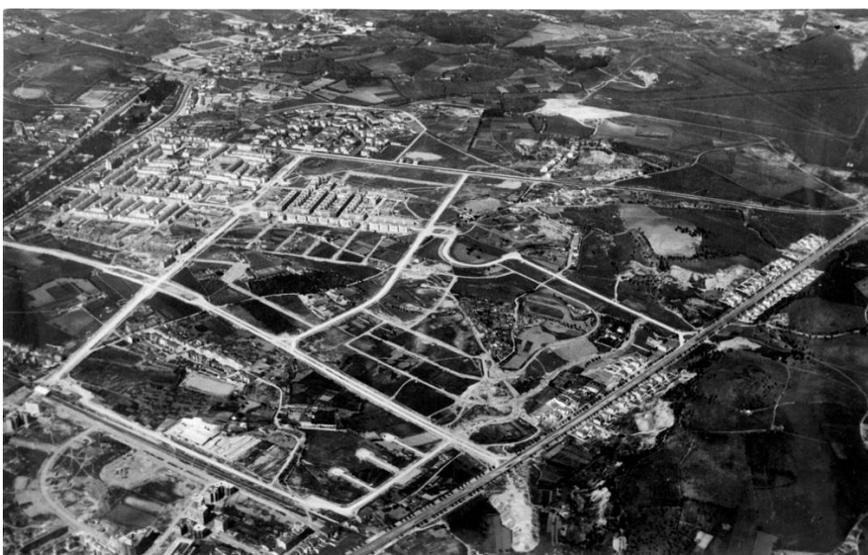


Figura 6 - Construção das células 1, 2 e 3 do Bairro de Alvalade, in AML/Fotográfico, autor desconhecido - Fotografia aérea sobre o bairro de Alvalade. PT/AMLSB/PEL/005/S00578.

O plano de urbanização do Bairro de Alvalade, caldeador de referências a diferentes modelos de cidade, o seu processo construtivo e a conceção das respetivas obras de arquitetura fizeram desta área da cidade a “primeira experiência de urbanização em grande escala da Câmara Municipal de Lisboa”<sup>212</sup>. O período de edificação do Bairro permitiu que diferentes pressupostos arquitetónicos fossem explorados, adaptando-se o plano de urbanização sem o desvirtuar, sobretudo na sequência do I Congresso Nacional de Arquitectura (1948) e do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (1953). Estes foram momentos chave que permitiram aos arquitetos portugueses debater amplamente os problemas de habitação em Lisboa, as vantagens da arquitetura moderna e a integração das artes na arquitetura.

---

<sup>212</sup> O Grande Plano de Urbanização de Alvalade. **Diário de Notícias**. Lisboa (22-09-1948), p.1.





Figura 8 – Mapeamento de obras de arte integradas em edifícios no Bairro de Alvalade.

Tal como se estruturou Alvalade a partir da unidade de vizinhança e da escola, o equipamento de ensino será novamente fundamental para a difusão desta nova relação entre arte e arquitetura, tendo os projetos de todos os estabelecimentos escolares sido alvo de intervenções artísticas. É interessante verificar que, tal como a arquitetura, também as obras de arte no Bairro de Alvalade sofreram uma evolução, dos tradicionais escudos de armas para intervenções onde se aplicam novos materiais, técnicas e conceitos – não por acaso, esta evolução surge enquadrada por uma arquitetura que sofre um processo evolutivo equiparável.



Os pressupostos urbanísticos aplicados no *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av.*

Figura 9 – Intervenções artísticas no equipamento escolar da célula 1 (autoria desconhecida), célula 4 (autoria da intervenção de Stela de Albuquerque) e célula 6 (autoria da intervenção de Maria Keil).

*Alferes Malheiro* privilegiam o ato de caminhar graças às curtas distâncias, ao desenho hierarquizado das vias e à própria topografia aproximadamente plana. As oito unidades de vizinhança estruturantes funcionam como “bairros dentro do Bairro”<sup>215</sup>, com dinâmicas e usos diferenciados. Neste sentido, e considerando a célula 8 paradigmática do processo de construção em sintonia com novos pressupostos arquitetónicos e artísticos, concluímos com uma análise dessa unidade de vizinhança, propondo um percurso ao longo das suas vias estruturantes e aprofundando as respetivas obras de arquitetura e artes integradas.



Figura 10 - Edifícios e intervenções artísticas na célula 8 do Bairro de Alvalade. 1- Baixos relevos e “entaladas” da Avenida de Roma; 2- Paineis azulejares do café Vá-Vá; 3- Revestimentos azulejares e painéis de mosaico nos blocos habitacionais da Avenida dos Estados Unidos da América; 4- Relevos na Rua Guilhermina Suggia; 5- Azulejos padronados da Avenida Almirante Gago Coutinho; 6- Paineis azulejares do equipamento escolar; 7- Teatro Maria Matos.

### Baixos relevos e “entaladas” da Avenida de Roma

A Avenida de Roma é uma das principais artérias do Bairro de Alvalade, onde se localiza grande parte dos prédios de renda livre – projetos realizados de modo avulso, respeitando somente os pressupostos do plano de urbanização, em lotes vendidos pela Câmara Municipal de Lisboa a entidades privadas de modo a garantir financiamento para a construção dos prédios de renda económica. Numa referência ao costume do século XIX e início do século XX de decorar as entradas das habitações urbanas de classe alta<sup>216</sup>, as entradas de vários prédios de renda livre da Avenida de Roma foram ornamentadas com intervenções artísticas, maioritariamente baixos relevos.

<sup>215</sup> BARROCO, Sofia – **Bairro(s) de Alvalade – O paradigma do urbanismo português**, in, Rede Portuguesa de Morfologia Urbana, PNUM: Morfologia Urbana nos Países Lusófonos, 2012.

<sup>216</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 155.

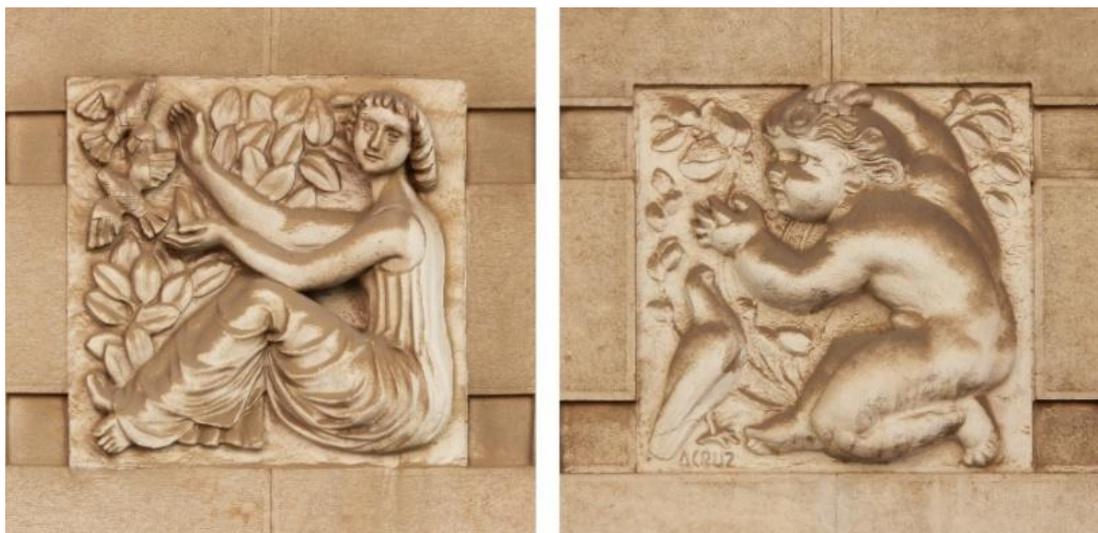


Figura 11 – Baixos relevos na Avenida de Roma. Nº 34, autoria desconhecida. Nº 36, autoria de “A.Cruz”. Colocação das obras em 1952.



Figura 12 - Baixos relevos na Avenida de Roma. Nº 43, autoria desconhecida. Nº 52, autoria de José Farinha, colocação da obra em 1952.

A expressividade das intervenções artísticas não respondia a qualquer plano de conjunto, sendo explorada “ao gosto do promotor”<sup>217</sup>, aludindo a maioria a um universo mitológico, mas também ao fascinante fenómeno de edificação da cidade, num “sentido de homenagem ao esforço de construção do bairro”<sup>218</sup>.

---

<sup>217</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 153.

<sup>218</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 157.



Figura 13 – Baixo relevo no nº 74 da Avenida de Roma, referente à construção da cidade. Colocação da obra em 1956.

No âmbito das intervenções artísticas na Avenida de Roma importa mencionar as “entaladas” – termo amplamente utilizado em referência aos baixos relevos com figuras femininas adossados entre a porta de entrada e a sacada dos edifícios – aplicado pioneiramente por Keil do Amaral e generalizado até à atualidade<sup>219</sup>. Numa publicação da sua autoria, em 1969, o arquiteto rogava que se tomasse uma atitude “porque as pobrezinhas sofrem... e a cidade vai por mau caminho” sugerindo mordazmente a criação de uma “Associação Protectora de Lisboa das Mulheres Entaladas entre as Portas e as Sacadas” e considerando as “confrangedoras esculturas” como uma “proliferação epidémica”<sup>220</sup>. No mesmo texto, Keil do Amaral prosseguia lamentando que a obra dos artistas plásticos não seja efetivamente posta ao serviço da cidade, com os escultores a aceitarem trabalhos pouco dignificantes devido à falta de encomendas, numa acérrima crítica ao modo como se integravam as artes plásticas na arquitetura.

---

<sup>219</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitetura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutorado, p. 153-155.

<sup>220</sup> AMARAL, Keil do – **Lisboa: uma cidade em transformação**. Sintra: Publicações Europa América, 1969, p. 161.



Figura 14 – “Entalada” na Avenida de Roma, nº 38, autoria de José Farinha, colocação da obra em 1952.



Figura 15 – “Entalada” na Avenida de Roma, nº 42, autoria desconhecida, colocação da obra em 1955.

### **Cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida dos Estados Unidos da América e Paineis azulejar do café Vá-Vá**

Para o cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida dos Estados Unidos da América os arquitetos Filipe Figueiredo e José Segurado fizeram uma “opção festiva”<sup>221</sup> através de quatro blocos habitacionais de feição moderna, com doze pisos, dois dos quais

---

<sup>221</sup> TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP, 1997, p. 73.

implantados perpendicularmente sobre a praça numa subversão do plano urbano e com inspiração na Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier<sup>222</sup>.



Figura 16 – Blocos habitacionais no cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida dos Estados Unidos da América.

Em 1958 foi inaugurado no piso térreo dos blocos 100 e 102 o Café Vá-Vá, espaço de culto no Bairro de Alvalade onde “nasceu o novo cinema português, se conspirou e se sonhou o futuro em dissidência com o país cinzento”<sup>223</sup>. Pertencente a um grupo de estabelecimentos onde a vida bairrista se manifestava, através da relação de familiaridade entre funcionários e clientes, o café Vá-Vá tornou-se um símbolo dos anos 60, marcando uma geração de tertulianos que animavam o espaço, “imortalizado no cinema e na literatura”<sup>224</sup>.



Figura 17 – Interior do Café Vá-Vá, Bairro de Alvalade, fotograma do filme “Os Verdes Anos”, de Paulo Rocha (1963).

Ao carácter social do Café Vá-Vá acrescentou-se o desejo de alinhar o espaço com os novos pressupostos arquitetónicos que surgiam em Alvalade, nomeadamente através do próprio conjunto de edifícios em que o estabelecimento se inseria, pelo que se procurou formalizar o ambiente moderno, aplicando no seu interior um conjunto de painéis azulejares da pintora Menez. Em tons de azul e pastel num fundo branco, a intervenção demonstra “grande à-vontade no manejo da mancha abstracta no suporte tradicional do

---

<sup>222</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 139.

<sup>223</sup> HML, Hemeroteca Digital de Lisboa - **SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual SOCIEBILIDADE: Café Vá-Vá**. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 11 de fevereiro de 2016]. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CAFEVAVA.pdf>.

<sup>224</sup> HML, Hemeroteca Digital de Lisboa - **SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual SOCIEBILIDADE: Café Vá-Vá**. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 11 de fevereiro de 2016]. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CAFEVAVA.pdf>.

azulejo” e “um certo gosto cosmopolita que se começa a divulgar em alguns estabelecimentos comerciais da cidade”<sup>225</sup>.

Tendo em conta o contexto da sua conceção, esta é uma obra valiosa na qual foi possível recorrer a uma expressão menos convencional por se tratar de uma encomenda privada, uma vez que o abstracionismo era recusado por parte da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia nas obras públicas<sup>226</sup>.



Figura 18 – Painel de azulejos no interior do Café Vává, Bairro de Alvalade, fotograma do filme “Os Verdes Anos”, de Paulo Rocha (1963).

---

<sup>225</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 197.

<sup>226</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 139.



Figura 19 - Painéis azulejares no café Vá-Vá, da pintora Menez, realizados em 1958.

### **Revestimentos azulejares e painéis de mosaico nos blocos habitacionais da Avenida dos Estados Unidos da América**

A Avenida dos Estados Unidos da América é a artéria de Alvalade em que o movimento modernista é mais evidenciado numa “série de blocos perpendiculares à via sobre *pilotis* permitindo a continuidade do espaço verde e dos percursos pedonais sob os edifícios”<sup>227</sup>. Mas não só a arquitetura contribui para a evidência do movimento moderno: nos edifícios implantados entre a Avenida Rio de Janeiro e Avenida de Roma houve uma efetiva integração de artes plásticas com revestimentos de azulejos e painéis de mosaicos, da autoria de Carlos Calvet, tendo sido o próprio arquiteto a salvaguardar a participação de um artista por si indicado no seguimento do despacho de 1954<sup>228</sup>. O conjunto habitacional é constituído por três blocos perpendiculares à Avenida, com outros três edifícios de menor escala implantados sobre as traseiras, encerrando os logradouros públicos, e acessíveis através da Rua Silva e Albuquerque. Existem seis padrões distintos nos revestimentos de azulejos (um dos quais da autoria de outro artista, Manuel Gargaleiro)<sup>229</sup>, aplicados nas caixas de acessos e nos alçados.

---

<sup>227</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP, 1997, p. 74.

<sup>228</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 171.

<sup>229</sup> SAPORITI, Teresa – **Azulejos de Lisboa do século XX**. Porto: Edições Afrontamento, 1998, p.17, citado por, MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 171.



Figura 20 - Revestimentos azulejares padronados na Avenida dos Estados Unidos da América (nº 50, 52, 54 e nº 60, 62, 64, respetivamente), autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960.



Figura 21 - À esquerda: revestimento azulejar padronado na Rua Silva e Albuquerque, nº 1 e 3, autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960. À direita: revestimento azulejar padronado na Avenida dos Estados Unidos da América, nº 68, 70 e 72, autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960.



Figura 22 - À esquerda: revestimento azulejar padronado na Rua Silva e Albuquerque, nº 5, autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960. À direita: revestimento azulejar padronado na Rua Silva e Albuquerque, nº 7 e 9, autoria de Manuel Gargaleiro, colocação em 1960.

Os painéis de mosaico foram executados ao nível térreo, nas empenas dos blocos perpendiculares à Avenida, valorizando o espaço público e com uma expressividade que

remete para um “imaginário vagamente surrealista, com alusões vegetalistas e antropomórficas”<sup>230</sup>.



Figura 23 - Painéis de mosaico na Avenida dos Estados Unidos da América (nº 50 e 54), autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960.



Figura 24 - Painéis de mosaico na Avenida dos Estados Unidos da América (nº 60 e 64), autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960.



Figura 25 - Painéis de mosaico na Avenida dos Estados Unidos da América (nº 68 e 72), autoria de Carlos Calvet, colocação em 1960.

---

<sup>230</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 175.

### Relevos na Rua Guilhermina Suggia e azulejos padronados da Avenida Almirante Gago Coutinho

O conjunto habitacional da Rua Guilhermina Suggia é projetado na sequência do I Congresso Nacional de Arquitectura e consiste na primeira obra residencial de influência modernista em Alvalade<sup>231</sup>. Os blocos dispostos perpendicularmente sobre a via, separados alternadamente por jardins públicos, revelam um manejo ainda tímido dos ideários modernos, dotando o conjunto de uma configuração dividida entre a arquitetura que havia sido produzida até então em Alvalade e a linguagem modernista<sup>232</sup>.

Para as empenas cegas que pontuam a Rua Guilhermina Suggia foi prevista a intervenção de um artista plástico logo no projeto de arquitetura inicial que apresentava “relevos esquemáticos (...) exactamente no centro dos referidos muros”<sup>233</sup>. O convite foi feito a António Branco de Paiva, que concebeu um conjunto de onze relevos em cimento pigmentado cujas temáticas remetem para o universo do fantástico, numa fusão entre mitologia e cristianismo, aliando o “desigual valor plástico” à carga dramática<sup>234</sup>.

A dualidade arquitetónica do conjunto – entre o moderno e o tradicional – repete-se na relação estabelecida entre as intervenções artísticas e o espaço público da cidade. Se, por um lado, a integração das obras de arte nas empenas, localizadas lateralmente à entrada do edifício, remete para uma abordagem moderna, por outro, mantém-se uma afirmação da tradicional rua corredor: as empenas são centralmente decoradas, reforçando o eixo da via e, nos topos norte e sul da rua, dois ornamentos acentuam a simetria<sup>235</sup>.



Figura 26 – Rua Guilhermina Suggia, in AML/Fotográfico, autor desconhecido PT/AMLSB/SPT/000086. Baixo relevo, n.º 1, autoria Largo Rodrigues Cordeiro, autoria de António Branco de Paiva, colocação da obra em 1951.

---

<sup>231</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP, 1997, p. 72.

<sup>232</sup> COSTA, João Pedro – **Bairro de Alvalade: Um Paradigma no Urbanismo Português**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010, p. 77.

<sup>233</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 165.

<sup>234</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, pp. 167-169.

<sup>235</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, pp. 165-169.



Figura 27 - Baixos relevos, autoria de António Branco de Paiva. Rua Guilhermina Suggia, n. °1, colocação da obra em 1951. Avenida Frei Miguel Contreiras, n. °18, colocação da obra em 1952.

Integrados no mesmo conjunto habitacional da Rua Guilhermina Suggia, os edifícios acessíveis através da Avenida Almirante Gago Coutinho foram igualmente intervencionados com a aplicação de painéis de azulejos decorativos no guarnecimento das entradas principais, com assinatura de “Ant. Duarte”, que se estima corresponder ao escultor António Duarte<sup>236</sup>.

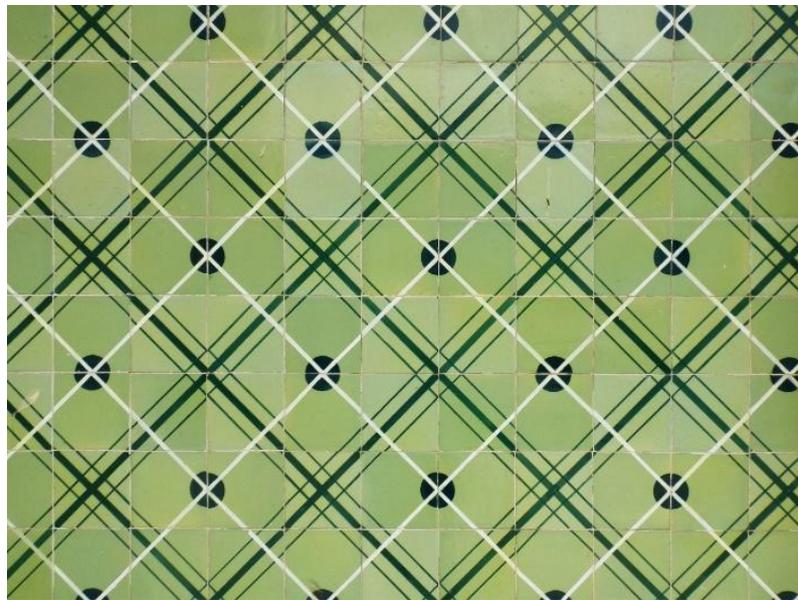


Figura 28 - Revestimento azulejar padronado na Avenida Almirante Gago Coutinho (n° 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54), autoria de “Ant. Duarte”, colocação da obra em 1954.

### Grupo Escolar da célula 8

O equipamento escolar da célula 8 foi projetado por Ruy d’Athouguia, entre 1958 e 1959, e consiste num edifício de feição modernista evidenciada pela estruturação modular, pelos espaços exteriores que se prolongam a partir das salas de aula e pela integração de artes

---

<sup>236</sup> SAPORITI, Teresa – *Azulejos de Lisboa do século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 1998, p.17.

plásticas na arquitetura. Tendo em conta o período de conceção da obra (4-5 anos decorridos do despacho de 1954) e a sua expressão arquitetónica, não é surpreendente que tenha sido a artista Menez a propor duas intervenções para o edifício escolar, pouco tempo após a execução do painel abstrato para o Café Vá-Vá. Em 1959, a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia analisou as duas propostas: um conjunto de painéis azulejares para os dois refeitórios e um painel para o exterior<sup>237</sup>, tendo este último sido rejeitado ao considerar-se arte abstrata e não enquadrado nos critérios de “decoração nas escolas primárias”<sup>238</sup>.

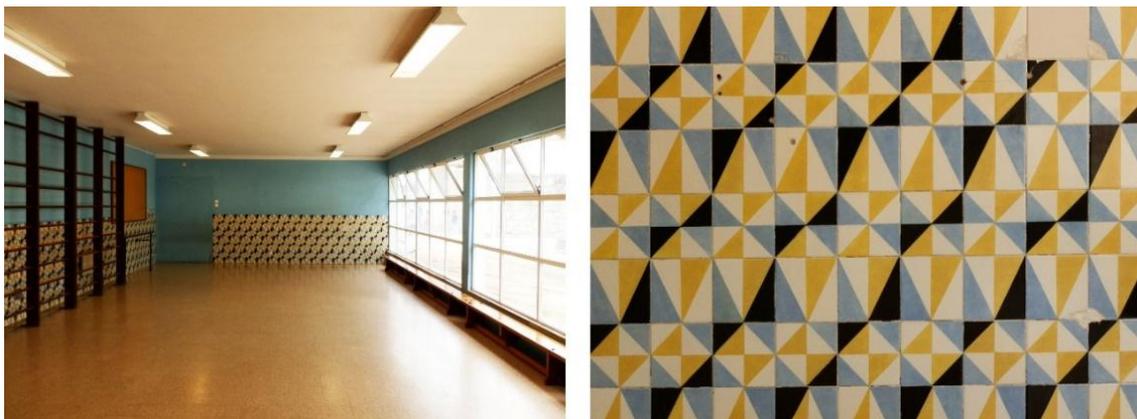


Figura 29 - Painéis azulejares padronados no equipamento escolar da célula 8, autoria de Menez, colocação em 1960.

### Teatro Maria Matos

Para concluir, importa mencionar o Teatro Maria Matos, Hotel Lutécia e Cinema Vox, equipamentos integrados num conjunto arquitetónico “único no país e invulgar nas grandes cidades do mundo”<sup>239</sup>, construído entre 1963 e 1969, sendo um dos últimos equipamentos edificadas no Bairro de Alvalade. A sua escala, volumetria, programa e expressão arquitetónica “denotam referências outras que não o racionalismo que marcara as realizações da década de 1950”<sup>240</sup>. Atualmente apenas o hotel e teatro se mantêm em funcionamento e é no interior deste último que se encontram as três últimas obras de arte integradas no percurso pela célula 8, testemunhos do desejo da participação de artistas plásticos já no fim da década de 1960: um baixo relevo em latão representando duas máscaras de teatro, da autoria de Martins Correia; uma coluna escultural com o nome do teatro assinalado, do mesmo autor; um relevo cerâmico de Manuela Madureira<sup>241</sup>.

---

<sup>237</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 185.

<sup>238</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP, 1997, p. 106.

<sup>239</sup> HML, Hemeroteca Digital de Lisboa - **SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CULTURA: Hotel Lutécia, Cinema Vox e Teatro Maria Matos**. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 07 de setembro de 2016] Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CINEMAVOX.pdf>

<sup>240</sup> MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento, p. 132.

<sup>241</sup> *Idem, ibidem*.



Figura 30 - Teatro Maria Matos, painel cerâmico de Manuela Madureira, in HML, Hemeroteca Digital de Lisboa - SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CULTURA: Hotel Lutécia, Cinema Vox e Teatro Maria Matos. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 07 de setembro de 2016] Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CINEMAVOX.pdf>.

### Considerações Finais

O Bairro de Alvalade integra aproximadamente uma centena de intervenções artísticas integradas em obras arquitetónicas. Caminhar em Alvalade é experienciar a cidade “banal”, resultado da formalização dos objetivos de expansão da capital através do desenho de grandes traçados urbanos. O racionalismo esteve na base da edificação do Bairro, num contexto em que a necessidade de habitação e contenção de custos abriu a porta ao movimento moderno. Contudo, a evolução dos princípios arquitetónicos em Alvalade não se deveu exclusivamente ao edificado, mas também às possibilidades criadas pelo *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro*, caldeador de referências urbanas a diferentes modelos de cidade. A obra de arte acompanha todo o processo, evoluindo de um elemento decorativo de distinção social (de que são exemplo as “entaladas”) para uma efetiva integração artística no espaço público da cidade, fruto do debate sobre a síntese das artes em contexto nacional e internacional. O Bairro de Alvalade, nas suas diferentes escalas (urbanística, arquitetónica e artística) dá sentido à declaração de Josep Lluís Sert de que “a cidade é a mãe de todas as artes”<sup>242</sup>.

### Bibliografia

**Anais do Município de Lisboa de 1945.** Lisboa: Câmara Municipal, 1946.  
AMARAL, Keil do – **Lisboa: uma cidade em transformação.** Sintra: Publicações Europa América, 1969.

---

<sup>242</sup> JUNCOSA, Patricia – **Josep Lluís Sert, Conversaciones y escritos, Lugares de encuentro para las artes.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011, p. 38.

ANDRÉ, Paula - Viagens e Construções Experimentais: Investigação e Inovação na Cidade. **Jornadas LNEC – cidades e desenvolvimento**, Lisboa, LNEC, 2012.

ANDRÉ, Paula; FILIPE, Fátima – Arquitectura, Artes Integradas, Fé, in, ACCIAIUOLI, Margarida, et al., **Arte & Fé**. Lisboa: FCSH/UNL, 2016, pp. 295-312. (ISBN 978-989-98998-3-4)

ARNAIZ, Ana; ELORRIAGA, Jabier; LAKA, Xabier – Síntesis de las artes: una utopia de la modernidade y el escultor Jorge Oteiza, in, **Art & Sensorium**, vol.1, nº1, junho 2014.

**Arquitectura – Revista de Arte e Construção**. Vol.26, nº53, Nov.-Dez. 1954.

**Arquivo Municipal de Lisboa**, Processo nº 5446/954

Ata nº 104, Paços do Concelho, 15 de abril de 1946.

BARROCO, Sofia – Bairro(s) de Alvalade – O paradigma do urbanismo português, in, **Rede Portuguesa de Morfologia Urbana**, PNUM: Morfologia Urbana nos Países Lusófonos, 2012.

BRYANT, Gabriel – Peter Behrens y el problema de la obra de arte total en los albores del siglo XX. **Cuaderno de notas**. Madrid, nº 5, 1997.p.57-76.

**COSTA, João Pedro – Bairro** de Alvalade: Um Paradigma no Urbanismo Português. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

COLQUHOUN, Alan – **Modern Architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

**L'Esprit Nouveau: Revue Internationale d'Esthétique**. Paris, nº1, Oct 1920.

FERNANDES, Fernanda – Síntese das Artes e cultura urbana. Relações entre arte, arquitetura e cidade, in: SEGRE, Roberto; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; ANDRADE, Inês El-Jaick (Org.) – **Arquitetura+arte+cidade: um debate internacional**. Rio de Janeiro: Viana&Mosley, 2010.

Foram hoje entregues no bairro de Alvalade mais de 74 casa para 500 famílias e escolas para 640 crianças, **Diário de Lisboa**, 10 de Fevereiro, 1949.

FRANCISCO, João Pedro – **Unidade de Vizinhança e Turismo: o caso do Bairro de Alvalade**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de Mestrado.

O Grande Plano de Urbanização de Alvalade. **Diário de Notícias**. Lisboa (22-09-1948).

Grandes problemas de Lisboa. A construção de casas de renda económica, **Revista Municipal**. Lisboa: CML, nº26, 3º trimestre, 1945.

JUNCOSA, Patricia – **Josep Lluís Sert, Conversaciones y escritos, Lugares de encuentro para las artes**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

LAMAS, J. M. R. G. – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.

LOBATO, Luís Guimarães – A Experiência de Alvalade. **Técnica**. Lisboa: IST, nº209-210, (fevereiro-março, 1951), pp. 334, 336.

MARQUES, Inês – **Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. Tese Doutoramento.

A ocupação das casas do novo bairro construído no Campo Grande, **Diário de Lisboa**, 22 de Setembro, 1948.

45 mil pessoas vão ter habitação num bairro construído pela Câmara Municipal para as classes menos abastadas, **Diário de Lisboa**, 8 Fevereiro 1947.

SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual SOCIEBILIDADE: Café Vá-Vá. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 11 de fevereiro de 2016].

Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CAFEVAVA.pdf>.

SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CULTURA: Hotel Lutécia, Cinema Vox e Teatro Maria Matos. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal. [Consult. 07 de setembro de 2016] Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CINEMAVOX.pdf>

SAPORITI, Teresa – **Azulejos de Lisboa do século XX**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP, 1997.

Uma grande obra social. 50.000 pessoas vão ter 15.000 habitações de rendas acessíveis numa nova zona da cidade que a Câmara Municipal vai erguer, **Diário de Lisboa**, 5 de Julho, 1945.

**A Urbanização do Sítio de Alvalade**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1948.